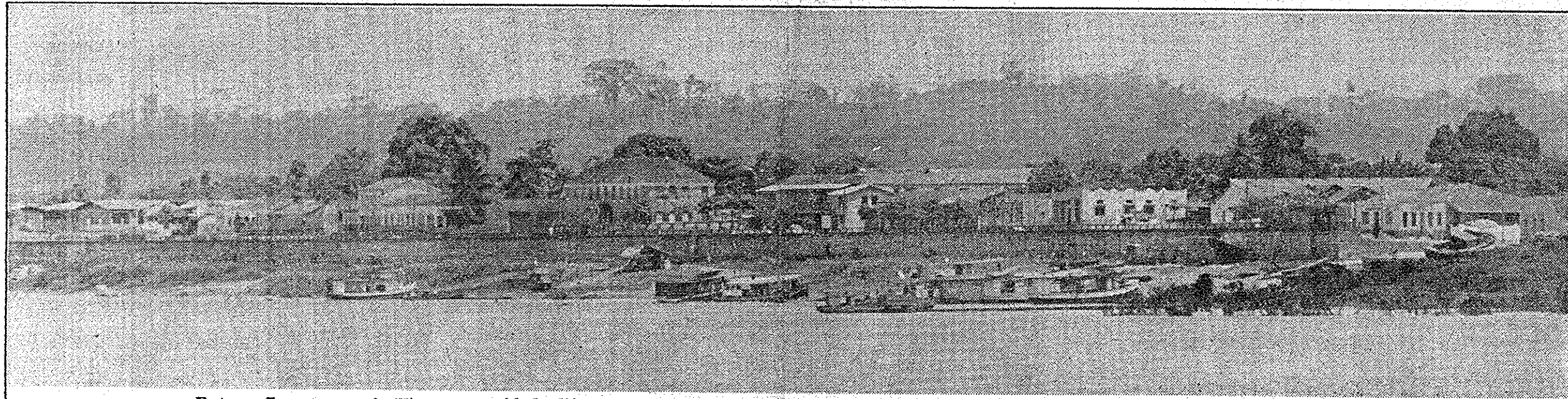


Um fantástico mundo junto à floresta

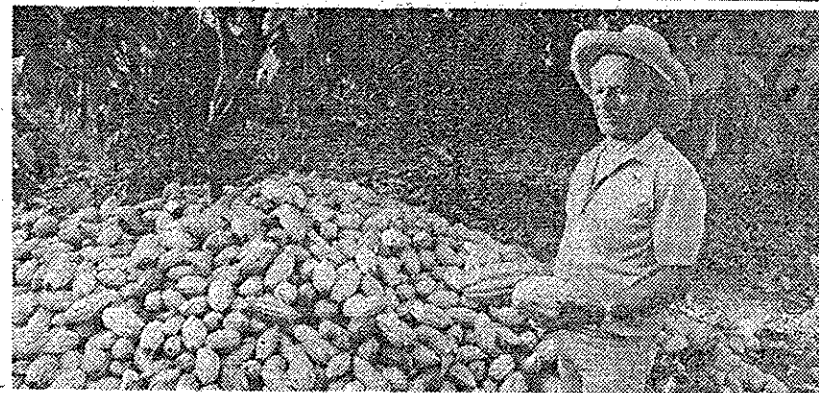


Entre a floresta e o rio Xingu, uma cidade diferente vai crescendo. Um estranho mundo de coisas esquisitas. O mundo particular de Altamira

Estranho Brasil é Altamira. As mocinhas dançam na boite Selva, ao som do conjunto "Bee Gees", como em qualquer cidade moderna — a 50 quilômetros dali os índios arara flecham os invasores de suas terras, matando-os. No quilômetro 195 da Transamazônica se planta maconha para o consumo dos jovens altamirenses, cujos hábitos se modificam com o progresso — no bairro Brasília, de baixo meretrício, o rufião José Irene cultiva o secular costume de vender meninas virgens aos seringalistas que voltam da selva atormentados de solidão.

Coisas esquisitas acontecem em Altamira. Os colonos plantam arroz sem ter para quem vender. O 51º Batalhão de Infantaria da Selva desbarata grupos armados, no quilômetro 240, acusando-os de semear a discórdia, quem sabe a guerrilha.

No meio da mata, como no século passado, "coronéis de barranco" — empresários primitivos, selvagens — tornam-se os únicos e absolutos senhores de 400, 500 famílias de semi-escravos, que ali vivem e morrem sem jamais ter visto a civilização, arrancando da floresta toneladas de borracha e castanha.



Alcides Nascimento, o futuro "senhor" do cacau

E alguns até vencem

Altamira já possuía um pequeno núcleo de colonização, antes da chegada da Transamazônica, mas foi com essa estrada que tudo começou. O Inera trouxe os colonos sem qualquer planejamento preparatório, jogou-os ali e abandonou-os à sua própria sorte. Desde aquela época até agora assentou 4.287 famílias na área do Projeto de Colonização Altamira.

Pretende assentar mais 1.800, até dezembro, na região do Rio Anapu, foco de malária. O problema é que essa região não é própria para culturas permanentes, como o cacau e o café. Por isso eles vão plantar culturas de subsistência, como arroz, milho e feijão, repetindo experiências tantas vezes fracassadas.

Alguns organismos, entretanto, esboçam tentativas de mudança para esse frustrado sistema de colonização. A Ceplac, por exemplo, está lutando para que alguns colonos substituam suas plantações por lavouras permanentes de cacau. Alguns lavradores já estão colhendo os frutos dessa mudança, como o baiano Alcides Nascimento, que plantou 62 mil pés no quilômetro 195, trecho Altamira-Itaituba, e recentemente recebeu Cr\$ 15 milhões por seu lote de 100 hectares.

Um bom dinheiro para esse ex-barbeiro que chegou sem nada, em 1971, para viver quatro anos sem poder comprar um sapato para seus filhos, tamanha era a miséria. Uma aventura com final feliz. Quem diria que este baiano de Feira de Santana, 58 anos, haveria de terminar seus dias na Amazônia? Ele se lembra: gostava mesmo era de arar uma terra que fosse sua, mas, ao invés disso, acabou trocando o arado pela navalha.

Se todos os colonos da Transamazônica tivessem a perseverança desse homem estóico e predestinado para a fortuna, nem o Inera, com sua burocrática incompetência, a própria terra estéril, com sua avareza, ou as pragas, ou mesmo o demônio poderiam impedir que essa miserável estrada abastecesse o mundo com cacau, café, pimenta-do-reino, castanha, cans-de-açúcar, mandioca, tudo o que pode ser cultivado aqui.

O baiano Alcides Nascimento não vacilou ao ouvir pelo rádio que o governo estava distribuindo ter-

ras na Amazônia: candidatou-se a um lote de 100 hectares na Transamazônica, vendeu tudo o que possuía e desembarcou naquele estranho país. Começou afilando seu machado. Deram-lhe um lote em Marabá. Estarelou a terra entre os dedos, balançou a cabeça e disse: "Aqui eu não fico". Ele, Alcides, não queria destruir um pedaço de terra inútil — o seu sonho de prosperidade. Então lhe deram esse lote no quilômetro 195, a quatro horas de Altamira, pela estrada — quando não chove, é possível transitar por ela. Aí ele plantou arroz, na esperança de colher 300 sacas; colheu só 31, na safra de 1973.

Ergueu um casebre de palha, no qual instalou a família, e derrubou sozinho 20 hectares de mata. Disseram que ele não conseguiria, mas ali ele plantou 12 hectares de arroz e oito de milho, que também não vingaram. Vieram depois as doenças: verminoses, malária — o inferno. Mas ele não desistiu. Percebeu que jamais seria próspero plantando arroz e milho e pediu financiamento para plantar café. Ofereceram-lhe algumas sementes de cacau. Não sabia como plantar aquilo, mas informou-se e enfiou na terra 3.668 sementes — e todas vingaram. Animado, derrubou metade da floresta de seu lote e ali estão seus 62 mil cacauzeiros produzindo. Este ano ele colherá 45 mil quilos, que venderá por quase Cr\$ 3 milhões. Ele jamais viu tanto dinheiro.

Mas o sucesso não vem sem mudanças nas pessoas, e eis que a febre do poder invadiu o coração desse outro pacato baiano, agora um tanto belicoso e agressivo nos seus empreendimentos. Mas como vender nessa selva, argumentam alguns pioneiros, sem a coragem e o egoísmo dos que não vacilam diante de tantas dificuldades? Alcides comprou casa em Altamira, para onde mandou mulher e filhos; e ocupou para seu filho David, de 25 anos, uma "sobra de terra" vizinha à sua, com 275 hectares.

Sim, havia lá dois posseiros e suas famílias — "invasores", corrigiu Alcides — que ele expulsou com a ajuda do Exército. Ajuda que ele teve, claro, pois não é ele um homem empreendedor, um homem que trabalha, ao invés destes outros preguiçosos colonos nordestinos, que só sabem engravidar mulher e plantar mandioca? (E assim que os técnicos do Inera se referem aos colonos nordestinos instalados aqui).

Tudo é muito desumano, nessa nova fronteira onde só vence o esperto. Alcides agora sonha com uma fazenda de gado, uns 3 mil hectares, para começar. "É moda ter uma fazenda dessas, então agora quero ter", diz ele, acariciando os dourados frutos do cacau. "E vou comprar uma, com o dinheiro desse cacau".

"O Ceará é muito pior"

Muitos não venceram. É certo que também tiveram o seu pedaço de terra, mas terra ruim, inútil. Outros tiveram terra boa, mas não sabiam como tratá-la e ninguém lhes ensinou. Onde as promessas de assistência técnica, financiamento, transporte? Onde as promessas de escolas para as crianças, médicos, enfermeiras? Visitemos uma agrovilã, esses centros habitacionais que acabaram por se transformar em horrorosas, cinzentas favelas rurais.

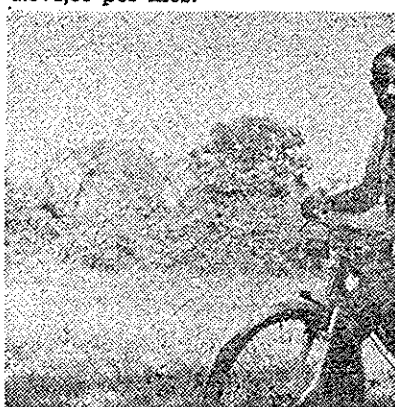
Vejamos a primeira delas, a Agrovilã Presidente Castello Branco, antigamente o primeiro ponto de apoio entre Marabá e Altamira. Ali está o mais antigo morador desse triste lugar, Olavo Carvalho, este simpático velhinho que deixou o Ceará, em 1973. É o legítimo proprietário de 100 hectares de terra na Amazônia, o lote número 30 da gleba 5, a seis quilômetros da agrovilã onde mora, com sua mulher, Dedé. No seu lote, Olavo jamais colheu coisa alguma que lhe desse condições dignas de sobrevivência. "O Inera está se afastando, estão abandonando tudo".

É verdade: na área do PIC-Marabá, o Inera está transferindo a administração das agrovilãs para os respectivos municípios em que se localizam. Os projetos deverão ser "emancipados", embora, teoricamente, isso só devesse acontecer quando estivessem em condições de se manter com autonomia.

Olavo Carvalho consegue no seu lote uma renda anual entre Cr\$ 50 a Cr\$ 60 mil (máximo de Cr\$ 5 mil mensais) e disso ele vive. Cria galinhas no quintal, planta cana para o consumo próprio, mandioca, banana, hortaliças; só não come carne porque não sabe caçar e está velho para aprender. Mas ele se cuida:

— O nordestino tem muito medo de morrer de fome. Eu posso viver do que plantei aqui no quintal. É ruim? Digo que não, apesar de tudo. Ninguém me fale que o Ceará é melhor do que isso aqui.

É uma terra de histórias cinzentas. Nessa mesma agrovilã Presidente Castello Branco vive o professor Alvaro Teixeira da Silva. Veio de Goiás para empregar-se numa escola a sete quilômetros da agrovilã, embora só tenha completado o curso primário. As crianças daqui não podem escolher seus professores: eles ganham atualmente Cr\$ 1.574,00 por mês.



Alvaro Teixeira, a resignação sobre uma bicicleta

contas com este cineasta que só se preocupou, segundo dizem, em mostrar a miséria e a feiúra da cidade, esquecendo o seu lado progressista. O colunista social José Abucater, da sociedade local, reclamou também do fato de Diegues ter escolhido uma decadente boite de Belém para uma das cenas do filme, quando poderia ter escolhido tantas outras, "de melhor reputação".

Imaginem só, reclamam os altamirenses, que ele foi filmar as barracas de invasores perto da rodoviária, quando poderia virar sua câmara "uns dois palmos, pelo menos", e mostrar "nosso terminal rodoviário novinho, do qual saem ônibus até para Belém". É verdade, mas só quando não está chovendo. De qualquer modo, os altamirenses sentem especial orgulho por essa cidade estranha, nascida da violência e da tragédia, e que de violência e tragédia ainda vive. Uma cidade que agora cresce, alimentada pelo sangue novo dos que vão chegando, com suas grandes e pequenas ambições.

Pobre cidade de contrastes

Dois mundos convivem lado a lado em Altamira. Entre um e outro, duas constantes: violência e corrupção. Pobre Altamira! Sua história sempre esteve ligada às coisas trágicas.

Ela entrou no esquecimento e na amargura com a queda dos preços da borracha — as trevas desceram, então, sobre essa então esperançosa cidade do médio Xingu que, já nos primeiros anos do século, tivera suas ruas iluminadas a carbureto, por iniciativa do coronel José Porfírio de Miranda Júnior.

Ela nasceu e cresceu, em plena selva, em meio a histórias ao mesmo tempo heróicas e trágicas. Os seringalistas enriqueceram depois de envenenar e massacrar milhares de índios, após o que começaram a matar-se uns aos outros. Não escaparam da cobra nem os herdeiros do primeiro intendente municipal, Pedro de Oliveira Lemos, que ali chegou arrastando selva afora um enorme barco, o Pontal, fabricado em Minas Gerais. Pedro Lemos queria entrar na cidade de barco e sua esposa pela selva, abrindo estradas, durou dois anos.

Pedro era um homem duro, mas não legou aos seus herdeiros a tempera dos exploradores: eles alugaram suas terras para um certo Inácio Silva que não hesitou em massacrar, numa disputa, Pedro de Oliveira Lemos Filho e sua mulher, em 1938. A culpa, como era comum na época, foi atribuída aos índios. Hoje, Altamira é uma cidade sem glórias — mas, bem ou mal, reviveu com a Transamazônica.

Seus hotéis estão ocupados por homens do Sul, em busca de terras; uma gigantesca cooperativa, a Cotrijú (Cooperativa Trifúcula de Ijuí, no Rio Grande do Sul) espera lançar ali os alicerces de um grande império colonizador; há planos para a construção, no futuro, da hidrelétrica do Xingu; a cidade se moderniza: sua juventude se reúne na Feixaria Beiro Rio, para dançar ao som remoto da "Greenwich Village".

Mas não se pode dizer que Alta-

vens de 14 a 16 anos fumando maconha. "Que Altamira não venha a ser palco de crimes sexuais, de assaltos a mão armada", suplica, aterrorizado, este incansável defensor da moral e da ordem.

Razão ele tem para tamanha apreensão. O 51º Batalhão de Infantaria da Selva, após sigilosas investigações, descobriu num dos lotes agrícolas do quilômetro 195 uma exuberante plantação de Canabis sativa, a popular maconha. Após prender os agricultores da erva maldita, o tenente-coronel Paulo Isaías Macedo Filho reuniu os jovens da cidade para uma conferência na qual discorreu, paternalmente, sobre os malefícios de tão hediondo vício.

Não que ele se preocupe apenas com a estrutura moral dessa cidade na qual ele é o supremo representante das Forças Armadas. Em meados de julho passado, ele deslocou suas tropas até o quilômetro 240 da Transamazônica, no caminho para Itaituba, e ali descobriu "grupos subversivos", que ele garante instrumentalizados pelo Sir-

dicato Rural de Santarém, "cuja ação antigoverno é evidente".

Quanta confusão, por aqui! No bairro Brasília, há um mercador de mulheres, José Melo de Araújo, 58 anos, mais conhecido como "José Irene", denunciado pela promotora Maria de Nazaré Abdoral Santos pela prática de lenocínio. Não se trata de um rufião comum. Esse homenzinho esperto, delgado e um tanto afetado em seus modos, gosta de adolescentes ingênuas, que recruta no Maranhão e transforma imediatamente em voluptuosas dançarinas, as quais explora como se fossem escravas.

Ele as busca em Imperatriz, Açailândia, Bacabal e Santa Inês, no interior do Maranhão. Em duas viagens consecutivas, conseguiu recrutar 10 mocinhas com 15, 16 e 17 anos, segundo afirma o comissário de menores Francisco Eduardo da Cunha, que o denunciou e foi por isso desafiado para um duelo.

Toda a cidade o conhece. Pois não é ele quem vai à praça pública oferecer a seringalistas cheios de

luxúria os corpos semivirgens dessas crianças no tanto magras, mas tão tentadoras para esses homens rudes que passam semanas, até meses enfiados na selva, de onde retornam entorpecidos de solidão? Até que a juíza Maria Inês Antunes Lima mandou fechar as "boites" do rufião, "Transa" e "Fortaleza", decretando a prisão preventiva do proprietário.

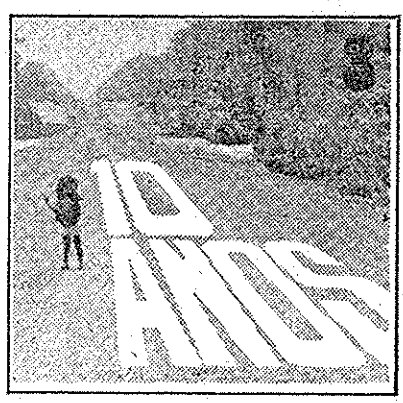
O afável "José Irene". Afinal, não era tão afável assim — daí sua desgraça e queda. Acabou traído pelas próprias adolescentes que mercadejava, pois, cansadas de tanta exploração, elas não hesitaram em testemunhar contra ele. Foi obrigado, então, a deixar a famosa rua João Coelho, do bairro Brasília, essa antiga trilha de índios hoje transformada em rua do pecado, que as mães de família evitam, e pela qual passou há tempos o cineasta Cacá Diegues com sua alegre "troupe" de artistas, quando filmava Bye Bye Brasil.

Os cidadãos altamirenses esperam o dia em que acertarão suas

Bye, Bye, Altamira

Os colonos sofrem, mas na capital da Transamazônica surgiram recentemente preocupações que até então eram privilégios de cidades grandes. Andam dizendo ultimamente que a cidade perdeu a fé em Deus e ingressa num terrível período de degenerescência moral. O professor Ubirajara Marques Umbuzeto está seriamente preocupado com o futuro da juventude altamirense.

"Para onde vai a nossa juventude?", indaga ele, escandalizado com "os fatos estereocedores e constrangedores" recentemente ocorridos. E que surpreenderam jo-



Texto de Luiz Fernando Emediato Fotos de Claudiné Petrolí Enviados Especiais

Amanhã, a tragédia dos índios